



**RESTOS TRANSFORMADOS EM RASTROS: aprendendo
com as
memórias de uma vida de despejo**

**REMAINS TRANSFORMED INTO TRACES: learning from the
memories of a dump life**

**RESTOS TRANSFORMADOS EN HUELLAS: aprendiendo de los
recuerdos de una vida de basura**

**Alexandra Cleopatre Tsallis¹, Monique Araújo de
Medeiros Brito², Keyth Vianna³ & Loíse
Lorena do Nascimento Santos⁴**

Resumo: Um ensaio biográfico pode trazer muita potência a partir de uma escrita pessoal que se torna política quando é capaz de performar um “nós”. Nesse texto, apresentamos o que temos aprendido com Carolina Maria de Jesus e outras mulheres que têm escrito suas histórias. Para isso nos deixamos guiar pela própria escrita, em seu caráter teórico-metodológico, bem como pelas

¹ Alexandra Tsallis é professora adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. atsallis@gmail.com.

² Monique Brito é professora assistente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio e Janeiro. moniqueambrito@gmail.com, monique_brito@yahoo.com.br, monique-brito@yahoo.com.br.

³ Keyth Vianna é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. keythvianna@hotmail.com, keyth2410@hotmail.com, viannakeyth@gmail.com.

⁴ Loíse Santos é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. loise.lorena@gmail.com.

discussões teóricas acerca do lugar de fala proposto pelo feminismo preto. "Vou colocar você aqui!" foi um convite que aceitamos para compor com a escrita um mundo maior, plural e comum.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Autobiografia; Lugar de fala.

Abstract: A biographical essay can bring a lot of power from a personal writing that becomes political when it is able to perform a “we”. In this text, we present what we have learned from Carolina Maria de Jesus and other women who have written their own stories. For that, we allow ourselves to be guided by writing itself, in its theoretical-methodological character, as well as by theoretical discussions about the place of speech proposed by black feminism. "I will put you here!" it was an invitation we accepted to compose a larger, plural and common world with writing.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Autobiography; Place of speech.

Resumen: Un ensayo biográfico puede traer mucho poder de un escrito personal que se vuelve político cuando es capaz de realizar un “nosotros”. En este texto, presentamos lo que hemos aprendido de Carolina María de Jesús y otras mujeres que han escrito sus propias historias. Para ello, nos dejamos guiar por la escritura en sí, en su carácter teórico-metodológico, así como por discusiones teóricas sobre el lugar del discurso propuesto por el feminismo negro. "¡Te pondré aquí!" fue una invitación que aceptamos para componer un mundo más amplio, plural y común con la escritura.

Palabras clave: Carolina Maria de Jesus; Autobiografía; Lugar del discurso.

10

“Vou colocar você aqui! [no caderno]” (Carolina Maria de Jesus, 1960, p. 57).

Essa frase é de Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada - como ela se intitulava - escritora, nascida em 1914, em Sacramento/Minas Gerais. Encontramos com ela e com seus escritos autobiográficos em seu primeiro livro "Quarto de despejo" (1960), mas rapidamente sua escrita nos levou para o barraco de número 9 da rua A, na favela do Canindé, cidade de São Paulo, por volta do ano 1955.

Na época da escrita dos diários que deram origem a esse livro, Carolina vivia ali com seus três filhos, João José (nascido em 1948), José Carlos (nascido em 1949) e Vera Eunice (nascida em 1953). Não vamos aqui escrever sua biografia, pois ela mesma já nos disse muito sobre si, além de várias outras

pessoas que escreveram sobre ela e sua obra. Queremos pensar COM ela, em uma relação mediada pela sua escrita, que é autobiográfica, ao mesmo tempo em que conta a história de tantas outras pessoas, bem como a do próprio Brasil.

Também é importante que nos apresentemos, nós que fomos convocadas por Carolina Maria de Jesus a pensar COM ela a potência de uma escrita autobiográfica, situada, encarnada, incorporada. Nós somos: Monique Brito, mulher branca, nascida no ano de 1986 numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte, e com tanto a aprender sobre a vida. Loíse Lorena, jovem preta, nascida em 1995 e crescida na favela da Prainha em Duque de Caxias. Keyth Vianna, mulher branca, mãe do Davi, nascida em 1987 no Município do São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a 22 km da capital fluminense. Alexandra Tsallis, mulher branca, mãe de Flora e de Sol, que vive a vida que tem. Consideramos importante nos descrevermos dessa forma para localizar o nosso lugar de fala, uma vez que em uma sociedade racializada como a que vivemos, é importante reconhecermos os privilégios de ser percebida e tratada como branca, ainda que saibamos que vivemos em uma nação miscigenada, embora não como fantasiado no mito da democracia racial, na obra Casa Grande e Senzala, de Gylberto Freire (1922).

11

Escrevemos sobre este encontro entendendo que a escrita de Carolina convoca todas nós e tantas outras pessoas, além daquelas que estavam ali, com seus nomes marcados no caderno-diário dela vivendo na favela do Canindé e convivendo com Carolina. Tal escrita convoca sua ancestralidade para conversar, compor e tecer novas possibilidades de (re)existência. Nunca escrevemos só. Estamos sempre acompanhadas de nossos ancestrais, da História e das histórias, das ideias, enfim, dos encontros que forjamos e nos quais somos forjadas. Como nos lembra Paulo Freire (2013), “enquanto escrevemos, não nos podemos eximir à condição de seres históricos que somos” (p.19).

Carolina conversa com quem já esteve, está naquele momento e estará em diversos outros tempos e espaços conectada com aquelas histórias. Ela fala de nós enquanto fala de si. Ela fala conosco. "Vou colocar você aqui! [em seu caderno]" (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 57) Nos coloca no seu caderno. E mais que isso, a escrita nos aproxima, nos conecta. Escolhemos ficcionar essa frase, entendendo que ela nos convoca a muitos cenários possíveis: o caderno, a favela, a criação, o sonho.

Como escrevemos em outro momento:

Aproximar-me da história de uma pessoa, de várias pessoas faz despertar uma onda gigante de sensações ou uma micro e fugaz sensação, que pulsa rapidamente em mim e se desfaz, ou melhor vai para o mundo e eu fico tentando revivê-la... em vão. A vida vale, uma vida vale e ela pode sim ajudar a aproximar-me – não necessariamente compreender – de outras vidas. Se algo me aproxima de outras vidas, isso tem potência (BRITO, BREDARIOL, VIANNA, TSALLIS e ARENDT, 2019, p. 291).

“Vou colocar você aqui! [no caderno]” (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 57)

Carolina fazia questão de dizer às suas vizinhas e vizinhos que estava escrevendo sobre elas/es, muitas vezes em tom de ameaça: “vou colocar você aqui!” [no caderno]. Segundo alguns dos estudiosos de sua biografia, foi durante uma cena como essa, em que era importunada por algum vizinho e respondia dessa forma, que conheceu Aldálio, jornalista de esquerda, militante contra a ditadura, que estava na favela do Canindé para fazer uma matéria e que, ao ouvir essa frase, se interessou em conhecer Carolina, que lhe apresentou seus mais de 20 cadernos preenchidos em forma de diário. Ele ficou impressionado, reconhecendo o valor daqueles relatos e que ele jamais poderia escrever com tanta propriedade sobre uma realidade que nunca vivenciou, mas Carolina sim. Foi assim que nasceu a parceria.

“Vou colocar você aqui! [no seu lugar]” (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 57)

Fomos ativadas pela chamada *Ensaio Biográfico* e bastante provocadas pelas questões que foram postas, a saber: “teria a ver a prática de tal escrita pessoal [ensaio autobiográfico] com a realidade política de onde tal escrita é posta em prática? Ou a escrita narrada em primeira pessoa não seria de política, e apenas estaria satisfazendo o ego de um sujeito narcisista?”

Faz parte de nossa aposta teórico-metodológica, não de agora, que o pessoal é político quando convoca um nós. A(s) história(s) narrada(s) por Carolina trazem uma potência que não diz apenas sobre si, antes denunciam a realidade vivenciada por muitas pessoas, tanto a dos seus vizinhos e vizinhas quanto daqueles e daquelas que ela nunca conheceu e jamais conhecerá, como nós! Suas histórias extrapolam o pessoal quando nos alcança, quando nos mobiliza, quando nos faz dedicar horas à escrita deste texto. Josselem Conti (2015) diz:

Aprendi que quando uma experiência pessoal toca o outro se torna política. Cria um “nós”. O que diz de um pessoal se conecta com outro e esse outro pode dizer “eu também” e neste momento, um laço se faz. É político quando abre a possibilidade de se conectar e compor um mundo comum (p.102).

O pessoal é político quando nós – autoras deste texto – decidimos escrever sobre a obra literária de Carolina. Por que dialogar com ela? Porque de alguma forma sua escrita autobiográfica nos tocou. Nossas histórias se encontraram, e é uma aposta política nossa apontar os desdobramentos desse encontro, entendendo que contar histórias é povoar o mundo (MORAES E TSALLIS, 2016). Povoar o mundo com histórias é tecer um mundo múltiplo, com infinitas possibilidades de existência.

Apaixonada pela literatura, pela escrita e pela leitura, Carolina escrevia porque, para ela, não poderia simplesmente não fazê-lo, como ela vai afirmando em seus diários. Os únicos dois anos de ensino formal em escola não foram empecilho para a sua aproximação com a leitura e a escrita, que existiam como forma de sobreviver à realidade. Escrever para ela tinha uma função social. Seus diários trazem explicitamente uma escrita-denúncia. Ela dizia que a realidade das favelas, os quartos de despejo do Brasil, precisava ser conhecida e se propunha a fazer isso com seus relatos. Em seus cadernos, Carolina vai trazendo o cotidiano da favela em forma de memória, contada de dentro, de forma viva e em ato, como possibilita a escrita em forma de diário. Quando escreve sobre sua vida, de dentro da favela, conta uma história que é sua e também compartilhada por outras pessoas que vivem ali.

Sobre o ato de contar histórias, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, também mulher negra e escritora, feminista, afirma, em sua palestra no Ideas Worth Spreading (TED)⁵, intitulada “Os perigos de uma única história” (2009), que a História⁶ única é capaz de aniquilar vidas, e é impossível falar de Histórias únicas sem falar de poder. Histórias únicas são definidas por "como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas. Tudo realmente

⁵ O TED é uma iniciativa global de promoção de palestras curtas com pessoas que realmente têm algo importante a dizer.

⁶ Neste texto usamos a palavra ”História” com “H” maiúsculo para referenciar a História única, aquela contada sobre as mulheres negras. Já a palavra “história”, com “h” minúsculo, se refere as histórias de vida que são forçadas em detrimento da História única.

depende do poder." (idem). Temos visto isso ao longo da História, contada sempre pelos "vencedores", pelos detentores do saber-poder que narram os acontecimentos como lhes convêm.

Essas duas mulheres assumiram, cada uma no seu tempo e da sua forma, esse protagonismo que geralmente está nas mãos, vozes e canetas de homens brancos do norte global⁷. Carolina foi autora de outra versão da História, uma que não estava sendo contada, que não poderia ser escrita por alguém de fora. E ela sabia a importância disso, ela sabia que se ela não contasse, aquela história não existiria para o mundo.

Ao serem registradas, realidades são fabricadas como verdades, enquanto outras são fabricadas como inexistentes, como proposto por Boaventura de Sousa Santos (2002), ao trazer a discussão sobre Sociologia das Ausências e sua pretensão de tornar visível e possível o que se encontra do outro lado da linha abissal, que separa o norte e o sul epistemológicos. Em suas palavras, ela "[...] visa substituir a monocultura do saber científico por uma ecologia de saberes" (p. 250). Não podemos, portanto, contar com a precisão dos relatos, posto que ela não existe. Quem conta a história parte de um determinado contexto, posição social e interesses que, mesmo não estando conscientes, influenciarão naquilo que for descrito e narrado. Tudo isso é marcado pelo nosso lugar de fala.

Djamila Ribeiro, mulher negra, filósofa, feminista, professora, nos presenteia com uma análise histórica e discursiva sobre o lugar de fala, que é muito mais que um conceito; é uma noção ético-política, que nos instrumentaliza e nos faz pensar sobre as diferentes proposições contadas ao longo da História, os interesses envolvidos nesses relatos, além dos silenciamentos produzidos. Ela cita Jota Mombaça⁸ (2017), uma bicha não binária nordestina - como se autointitula -,

⁷ O Sul global é uma metáfora da exploração e exclusão social, agregando lutas por projetos alternativos de transformação social e política. A expressão Sul global tem vindo a ser crescentemente usada para fazer referência às regiões periféricas e semiperiféricas dos países do sistema-mundo moderno, anteriormente denominados Terceiro Mundo. O Norte Global representa os países do norte que historicamente dominaram e exploraram o sul. Propositalmente definimos o sul para que o norte fosse definido em oposição a ele. https://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/index.php?id=6522&id_lingua=1&pag=7851

⁸ Uma bicha não binária - como se autointitula - nascida e criada no Nordeste do Brasil que escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstrosidade e

que em seu artigo *Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala*, afirma: “se o conceito de lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, é porque ele está sendo operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas” (p. 48).

Propositalmente, não vamos apresentar aqui o conceito literalmente entre aspas de lugar de fala, pois a leitura da obra completa, o entendimento do que isso significa na nossa sociedade tão cheia de preconceitos não cabe em uma definição. Que fique registrado, entretanto, que o lugar de fala passa pelo lugar da experiência encarnada e incorporada.

Para continuarmos, então, falando de experiência e escrita, chega Anzaldúa (1980), mulher chicana, estudiosa da teoria cultural chicana, teoria feminista e teoria queer, nos lembrando que “a mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando.” Nesse mesmo texto, de 1980, intitulado “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”, ela nos conta porque escreve:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (p. 232).

15

humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política, justiça anti-colonial, redistribuição da violência, ficção visionária e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos (Descrição própria, disponível no link: <https://www.buala.org/pt/autor/jota-mombaca>. Acesso em 02 de janeiro de 2020.

Não poderíamos afirmar que esses são os mesmos motivos de Carolina. Também não poderíamos afirmar o contrário. Mas quem poderia afirmar qualquer coisa senão ela mesma? É por isso que as palavras que seguem são dela própria, publicadas em seus dois primeiros livros. Em o Quarto de Despejo, ela conta:

Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22h30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 22).

De vez em quando parava para repreender os meus filhos. Bateram na porta. Mande o João José abrir e mandar entrar. Era o seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.

- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.

Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p.23).

Na obra seguinte, Casa de Alvenaria (1961), ela compartilha:

Não adianta falar de fome com quem não passa fome. Quando escrevi o meu diário não foi visando publicidade. É que eu chegava em casa, não tinha o que comer. Ficava revoltada interiormente e escrevia. Tinha impressão que estava contando as minhas mágoas à alguém. E assim surgiu o "Quarto de Despejo". Classifiquei a favela de quarto de despejo porque em 1948, quando o Dr. Prestes Maia começou a urbanizar a cidade de São Paulo, os pobres que habitavam os porões foram atirados ao relento (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1961, p.181).

16

Nos trechos acima, Carolina faz menção ao significado da leitura e da escrita, da sua relação com os livros em um cotidiano tão duro, tão repleto de falta que, muitas vezes, é ligeiramente preenchida pelas palavras e narrativas. Anzaldúa também nos alerta sobre a inseparabilidade entre vida e escrita. Poderíamos acrescentar, ainda, entre pessoal, ético, político, literário, e tudo mais que nos remeta a viver nesse mundo:

eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita [...] O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Vamos dialogar também com Jeanne Marie Gagnebin, mulher branca, professora, filósofa e escritora suíça, residente no Brasil desde 1978, e sua obra *Lembrar Esquecer Escrever* que nos faz pensar bastante sobre escrita, memória e suas funções sociais. Sua discussão nos traz uma reflexão sobre a oralidade e a escrita que nos remeteram a essa “escrita oral” de Carolina. Colocamos entre aspas porque ela já foi produzida enquanto linguagem escrita, mas preservando a espontaneidade da oralidade, criando uma espécie de diálogo vivo com esse não-humano diário. Um não-humano que atuava como um interlocutor mais eficiente e acolhedor do que os humanos que estavam ao seu redor. Em vários momentos de seu diário, Carolina nos conta que acordava na madrugada, às 3, 4 horas, para escrever, pois era quando não estava nas ruas trabalhando e a favela também ainda não tinha acordado e o silêncio lhe permitia dedicar-se às suas leituras e escritas.

Sobre essas duas formas de linguagem, Gagnebin (2006) afirma que a transmissão oral produz uma presença viva, porém frágil e efêmera, enquanto a escrita traz a conservação, mas de forma fixa, demarcando a ausência. Em suas peculiaridades, “ambas, aliás, nem mesmo garantem a certeza da duração, apenas testemunham o esplendor e a fragilidade da existência, e do esforço de dizê-la” (p.11).

Nesse esforço de dizer a existência, alinhavando linguagem oral e escrita, Carolina vai nos transportando para o cotidiano da favela do Canindé, falando sobre a fome de cada dia:

Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pus os ossos para ferver. E com o caldo fiz as batatas. Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar." (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, pp. 26 - 27)

Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:
- Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 27).

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 26).

Voltamos mais uma vez à Anzaldua, quando ela escreve que “mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências” (p. 235). Na mesma

direção, Conceição Evaristo⁹, mulher negra, escritora, poetisa, ensaísta, romancista brasileira nos chama a atenção que, apesar da fome ser real e tema da maior parte dos escritos nos diários de Carolina, há uma fome que vai além do estômago. Sua criticidade sobre a posição da mulher, da pessoa negra e pobre no mundo está bastante presente em vários relatos, o que seria, para Conceição, uma fome de justiça, de igualdade social.

15 DE JULHO DE 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 9).

Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilégio de gozar descanso. Eu estava em nervos interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p.10).

Enquanto os esposos quebra as tabua do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 14).

18

A consciência de ser escrava do custo de vida, da posição do pobre que precisa ser incansável para poder se alimentar, assim como das diversas formas de violência a que uma mulher, especialmente negra e pobre, pode estar submetida, são explicitamente abordadas por Carolina. Ela teve três filhos com três homens diferentes e relata nunca ter se sentido obrigada ou desejosa de ficar com nenhum deles. Testemunhar a vida das mulheres com seus maridos violentos era, para ela, prova de que estava melhor sem eles. Isso não quer dizer que não namorava, que não se relacionava afetiva e sexualmente, mas que, mesmo vivendo em condições de vida bem precárias, preferia sua liberdade e a responsabilidade de manter seu lar sozinha a estar subjugada a um homem. Ela também traz várias menções ao dia 13 de maio, data da abolição da escravidão no Brasil:

13 DE MAIO Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw>. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.

dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome! (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1960, p. 27).

Hoje é 13 de maio, dia consagrado aos pretos, que vivem tranquilos mesclados com os brancos. Hoje é um dia que nós os pretos do Brasil podemos bradar:

- Viva os brancos!

Tomamos um carro e fomos até o Teatro Bela Vista. O reporter estava na porta. Pelo olhar que dirigiu-me percebi que êle não ficou contente com o meu toilet. Êle não sabe o que significa o 13 de maio para o preto. Dia de gala para a raça negra.

Tomamos um taxi e zarpamos. (...) Quando chegamos ao salão do Esporte Clube Pinheiros vi varios carros estacionados. Que clube maravilhoso! Entramos. O irmão da Ivete nos acompanhava.

O salão estava iluminado como um palco. Lá no fundo, os musicos uniformizados. Pretos e brancos mesclados numa festa fraternal.

O senhor Frederico Penteado, organizador do baile, veio nos receber. Eu fui homenageada - "Ano Carolina Maria de Jesus" (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1961, pp. 177-178).

É possível perceber uma criticidade no tocante ao significado desse dia e tudo que representa: algumas mudanças, muitas permanências ou mudanças parciais, o deslocamento da escravidão para a fome. Na segunda obra, que traz uma situação diferente, Carolina enfatiza a importância de celebrar esse dia, mesmo que outras pessoas não compreendam sua forma de fazê-lo. Ela vai de favelada faminta à homenageada do ano, que ganha seu nome. Essa mudança, bastante simbolizada pela saída do quarto de despejo e entrada na sala de visita, como ela se refere à casa de alvenaria, não tira de Carolina a inquietação com a fome, mesmo que não seja mais a sua. Nessa obra, ela vai narrar as mudanças acontecidas em sua vida após o sucesso do primeiro livro, sua saída da favela do Canindé, seu cotidiano na casa de alvenaria, as novas experiências; novas e velhas preocupações:

Deitamos e dormimos. Que sono gostoso. A luz eletrica iluminando o quarto. O João sorria porque agora vai poder ler a vontade. Despertei a noite e fiquei pensando na minha vida, que parece uma tragedia. A gente nasce e no decorrer da existencia a vida vai ficando atribulada. Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser minha vida aqui na sala de visita (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1961, p. 48).

24 de novembro Os filhos andam alegre porque podem comprar frutas para comer. Êles que catavam no lixo. O José Carlos diz:

- Parece que estamos sonhando. Há tantas coisas para comer, mas é preciso ter dinheiro para comprar. Quem inventou o dinheiro?
- Foi um povo chamado fenícios.
- Invenção idiota, não, mamãe?" (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1961, p. 83).
Fomos almoçar. Que comida gostosa. Que carne deliciosa. Sentada no restaurante chique, eu pensava nos infelizes que catam os restos de feira para comer. Tenho impressão que os infelizes que passam fome são meus filhos. Eu saí da favela.
Tenho impressão que saí do mar e deixei meu irmão afogando-se (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1961, p. 86).
Uns comem e outro não. (...) A época do sofrimento deixa cicatriz na mente. Tem hora que relembro a voz angustiada da Dona Maria Preta, lá da favela:
- Estou com vontade de comer um pedacinho de carne.
Jamais hei de olvidar que existe fome (CAROLINA MARIA DE JESUS, 1961, p. 171).

Vivemos, nas últimas décadas, uma expansão das discussões acadêmicas sobre decolonialismo, decolonialidade, epistemologias do sul, etc. No entanto, a escritora afrodominicana, importante representante do feminismo antirracista Ochy Curiel¹⁰ nos alerta que as práticas decoloniais entre as mulheres são muito mais antigas e fortes do que se mostra no meio acadêmico. Mulheres provenientes do sul epistemológico e que têm desenvolvido cotidianamente práticas decoloniais, antes mesmo da utilização desse termo. Seguindo essa instrução de Ochy Curiel, poderíamos afirmar, talvez, que Carolina, no seu cotidiano, incluindo sua escrita, desenvolvia práticas decoloniais, uma vez que tinham a função de denunciar, de desconstruir, de estar na vida da forma não óbvia construída pelo patriarcado e pela sociedade moralista, opressora, que coloca a mulher, especialmente negra, no lugar do silêncio. Para dialogar com ela, trazemos de volta Anzaldúa (2000), que nos diz:

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida (p. 234).

Gagnebin (2006), no capítulo *O rastro e a cicatriz: metáforas da memória*, trabalha a noção de rastro, como sendo aquilo que procura manter juntas a presença do ausente e a ausência da presença: “o rastro inscreve a lembrança de

¹⁰Conferência Feminismo Decolonial. Práticas Políticas Transformadoras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0vLlIncsG0>. Acesso em 13 de julho de 2020.

uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” (p. 44). Para que ela não se apague, fazemos registros das mais diversas formas. Uma delas é a escrita de diários.

O diário, que vem do latim *diarium*, relaciona-se ao vocábulo dia, e pode, muitas vezes, ser também uma autobiografia, sendo que nem toda autobiografia é escrita em forma de diário e também pode ter uma temporalidade diferente, mais distante dos acontecimentos, enquanto os diários conservam a característica de apresentarem relatos próximos temporalmente do seu acontecimento real. Pozzani e Steffler (2016) ressaltam que o diário é considerado um gênero discursivo e promove a reflexão, com características próprias e funções específicas, por exemplo como registro histórico, possibilitando conhecer realidades algumas vezes “esquecidas” nos livros didáticos e proporcionar transformações em diferentes esferas sociais, como acadêmica, literária, religiosa, cotidiana, escolar, política, etc.

Esses rastros produzidos pelos diários podem cumprir uma função que Gagnebim descreve como “transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome [...] Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)” (p. 47). No entanto, nem toda memória se transforma ou é transformada em rastro. Ela precisa ser registrada e compartilhada para que essa tarefa se concretize. Ela precisa existir para além de mim ou de quem a viveu, ou então será apenas uma memória, que pode ser constitutiva de quem eu sou, mas, ainda assim, ficará no registro interno.

Foi isso que Carolina fez ao escrever seus diários, produzidos com restos. A palavra resto nos chega em consonância com outras usadas por ela, como quarto de despejo, por exemplo. Ela descrevia a vida dos restos: restos das coisas que catava para reciclar, restos de dias, restos de comida que, diferente de muitas casas, são jogados fora, restos de vidas despejadas ali onde a sociedade quer trancar para não ter que lidar cotidianamente. Com sua escrita, Carolina Maria de Jesus transformou **restos em rastros**. E nós, que destino temos dado aos nossos restos?

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. Chimamanda Adichie: o perigo de uma história única. TED. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em: 13 dez 2019.

ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo". In: *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BRITO, Monique. Araújo de Medeiros; BREDARIOL, Tereza; VIANNA, Keyth.; TSALLIS, Alexandra Cleopatre; ARENDT, Ronald. "Trocando cartas, aproximando distâncias, escrevendo com temporalidades e afetos". In: QUADROS, L. C. de T.; MORAES, M. O.; BONAMIGO, I. S. (Org.). *PENSAR, FAZER E ESCREVER: o PesquisarCOM como política de pesquisa em psicologia*. 1ed. Chapecó: Argos, 2019, v. 1, p. 261-298.

CONTI, Josselem. Margens entre pesquisar e acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos? 2015. 107f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015.

FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. Primeira edição, 1933.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

MOMBAÇA, Jota. Notas estratégicas quanto ao uso político do conceito de lugar de fala. In: <https://www.buala.org/>. Disponível em: <<https://goo.gl/DpQxZx>> - acesso em 02 de janeiro de 2020.

MORAES, Márcia; TSALLIS, Alexandra Cleopatre. "Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência". In: *Polis e Psique*, v. 6, p. 39-50, 2016.

POZZANI, Graciana Martelozo. STEFFLER, Juliana Carla Barbieri. "O Gênero diário pessoal: contexto e interdisciplinaridade no estudo da obra *Diário de Anne Frank*". In: Paraná, *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*. 2016.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *“Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, p. 237-280, 2002.

Artigo recebido em: 31 de agosto de 2020

Artigo Aprovado em: 15 de dezembro de 2020.

